

# Epêntese consonantal

Leda Bisol\*

## Resumo

O artigo diz respeito ao papel da epêntese consonantal no processo de formação de palavras. Examinam-se palavras terminadas em sufixos produtivos com fundamentos na Teoria da Otimidade, depreendendo-se a gramática básica da derivação com epêntese consonantal e as implicações relacionadas à especificidade de sufixos. Evidências justificam a entrada de uma consoante que não está presente na palavra base da derivação nem na forma original do sufixo, motivando este estudo. Explicam-se as exceções que fazem parte da gramática, assim como a binômio, palavra com epêntese e palavra com hiato, oriundo da mesma base e finaliza-se com a epêntese vocálica que se consonantiza. Neste estudo, emergem como regulares, /z/ e /r/ com preponderância de /z/ que ocorre com todos os sufixos em consideração, enquanto /r/ tem seus limites.

Palavras chave: Epêntese consonantal. Hiato. Restrição. Fidelidade. Marcação.

## Introdução

A epêntese de segmentos para solucionar problemas métricos como acento, silabificação e outros é comum nas línguas humanas, fazendo-se notar a epêntese da vogal dentro da palavra, a exemplo de ritmo/ritimo e a epêntese da consoante na formação de derivados, a exemplo de café /cafezal. O foco deste estudo é a epêntese consonantal, já incorporada ao léxico e dicionarizada, depreendida a custo de evidências morfofonológicas. Considerando-se que grande parte dos sufixos do português começa por vogal, verifica-se que esses, muitas vezes, apresentam-se precedidos de consoante que não está presente na estrutura subjacente. Esse é o campo deste estudo.

Na fonologia contemporânea, não faltam estudos sobre este tema, mas salientemos três enfoques: i) defende-se, sob a perspectiva da Teoria da Otimidade, que as consoantes coronais e faríngeas são privilegiadas para a função da epêntese (Lombardi 1997, MacCarthy; Prince 1997 e Steriade 2000); ii) defende-se que

\* Professora titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e pesquisador do CNPQ, nível A.

a língua pode inserir qualquer consoante e que o modelo de regras é adequado para esse estudo (Vaux 2001, 2002) e iii) defende-se a inclusão da diacronia na análise sincrônica, acentuando que características universais das fonologias sincrônicas têm um papel na determinação da qualidade da epêntese (Blevins 2007).

Estudos de epêntese consonantal com dados do português brasileiro são poucos: Cagliari; Massini (2000), que apontam para a presença do traço coronal em todos os casos de epêntese consonantal, independentemente do tipo de consoante; Canfield (2010) e Castro Pires (2016) que identificam /z/ como epêntese *default* e /r/ como um caso de amplitude menor, mas regular; a primeira estuda a epêntese diante de sufixos produtivos, a segunda centraliza seu estudo na epêntese diante do sufixo -ada, onde a epêntese de /r/ tem maior abrangência.

A análise a ser apresentada tem por objetivo discutir e analisar a formação de palavras em que emerge uma consoante que não está presente na palavra base da derivação nem no sufixo em sua forma original. O texto compreende as seguintes partes: 1) Exemplário, 2) Epêntese de /z/ diante de -eiro, -ada, -al e -inho, 3) Particularidades de -inho, 4) Epêntese de -r, 5); Conversão do *glide* em consoante.

## 1. Exemplário

QUADRO 1: Tipos de derivação em estudo. Elaboração da autora, 2016.

Base	Sufixo /z/	Não Hiato	/t/	Hiato	Exceção
<b>Sufixo-eiro</b>					
abacaxi	abacaxizeiro				
água		aguaceiro			aguaceiro
araçá	açazeiro	araçaeiro			
café	cafezeiro		cafeteira	cafeeiro	
caju	cajuzeiro			cajueiro	
croché			crocheteira		
tricô			tricoteira		
<b>Suf.-al</b>					

lodo-al		lodoal			lodaçal
bambu	bambuzal	bambual			
buriti	buritizal	buritial			
coroal	corozal		coroatal		
igapó	igapozal	igapoal			
lama					lamaçal
sapé	sapezal	sapeal			
<b>Suf.-ada</b>					
buriti	buritizada	buritiada			
caju				cajuada	
umbu	umbuzada	umbuada			
pá	pazada				
<b>Suf.-inho</b>					
café	cafezinho	cafeinho			
guri	gurizinho				
sofã	sofazinho	sofainho			

O quadro contém exemplos de cada tipo de derivação em estudo. Não estão incluídos os dados da epêntese de /r/, que serão apresentados no quadro 2, nem os dados da conversão do *glide* em consoante, considerado um caso à parte. O exemplário é constituído basicamente de palavras atemáticas cujo radical termina em vogal. As raras palavras temáticas que entram no processo preservam VT da base, como lamaçal e aguaceiro. Há casos em que a palavra com hiato e a palavra com epêntese figuram no léxico, como cajuada e cajuzeiro. Há também exceções que se explicam. Nota-se, no quadro 1, a prevalência da consoante /z/ e a escassa presença da consoante /t/ que figura em quatro palavras, duas das quais são empréstimos do francês. Diante dos poucos dados de /t/, essa epêntese não será analisada neste texto.

## 2. Epentese de /z/ diante de -eiro, -ada -al e -inho

A análise é realizada via restrições assim definidas: MaxIO, restrição de fidelidade, proíbe o apagamento de qualquer segmento do radical ou raiz. Onset, restrição de marcação, exige *onset* para uma sílaba bem formada e DEP IO, restrição de fidelidade, proíbe a introdução de um segmento ausente no *input*. Tais restrições são básicas, outras são chamadas no desenvolvimento da análise quando necessário.

(1) Epêntese da consoante coronal continua

Gramática básica: MaxIO >> Onset>>DepIO

TABLEAU 1: Epêntese da consoante /z/

1) /abacaxi-eiro/	Max IO	Onset	DepIO
☞ a. a.ba.ca.xi.zei.ro			*
b. a.ba.ca.xi.ei.ro		*!	
c. a.ba.ca.xei.ro	*!		
2) /café-al/			
☞ a. ca.fe.zal			*
b. ca.fe.al		*!	
c. ca.fal	*!		
/buriti -ada/			
☞ a. bu.ri.ti.za.da			*
b. bu.ri.ti.a.da		*!	
c. bu.ri.ta.da	*!		
/sofá-inho/			
☞ a.so.fá.zi.nho			*
b.so.fá.i.nho		*!	
c.so.fi.nho	*!		

Os candidatos em (c) apagam a vogal da base, violando a restrição mais alta da hierarquia; os candidatos em (b) formam hiato, violando *Onset*, uma restrição de marcação que ocupa uma posição decisória, em virtude de estar circundada por duas restrições de fidelidade. Os candidatos em (a) são os vencedores, às expensas de violarem *DepIO*, pois satisfazem as duas restrições mais altas. Note-se que a epêntese de /z/, uma consoante [+cont, +coronal, +sonora] ocorre com qualquer sufixo do exemplário, inclusive com -inho, o diminutivo, cujas palavras não estão dicionarizadas, assim como não estão as palavras com o aumentativo -ão, sufixo de grau, que deixamos para outra etapa de estudo, em virtude da nasalidade, que exige uma atenção específica, mas exemplos não faltam para confirmar o mesmo resultado: mão/mãozada/mãozinha. Embora este estudo não contemple todos os sufixos nominais, a amostra em análise oferece elementos para salientar a preponderância de /z/ no português.

Analisados em conjunto a epêntese de maior ocorrência, /z/, e justificada por evitação do hiato, via restrição do *Onset*, assim como se observa nos dados expostos no quadro 1, passemos ao pares cajuzeiro/cajuada, cada qual com seu sentido específico: cajuzeiro, o que cultiva caju e cajuada, o doce de caju e cafezeiro/cafeeiro, cafezeiro, o que cultiva café, cafeeiro, árvore que produz o fruto do qual provém o pó de café. Analisadas pelo mesmo conjunto de restrições, diferenciam-se pelo ranqueamento inverso das restrições baixas na hierarquia:

TABLEAU 2: Hiato versus Epêntese

1- /caju-eiro/	Max-IO	Onset	*DepIO
Onset >> Dep			
a. ca.ju.zei.ro			*
b. ca.ju.ei.ro		*!	
c. ca.jei.ro	*!		
2- /caju-ada/	Max-IO	DepIO	Onset
Dep >> Onset			
ca. ju. za.da.		*!	
b. ca.ju.a.da			*
c. ca.ja.da	*!		

3-/cafe -eiro /	Max-IO	Onset	DepIO
Onset >> Dep			
a. $\leftarrow$ ca.fe.zei.ro			*
ca.fe.ei.ro		*!	
ca.fe.iro	*!		
4- /cafe-eiro/			
Dep >> Onset	Max IO	DepIO	Onset
c.a.fe.zei.ro		*!	
b. $\leftarrow$ ca.fe.ei.ro			*
c. ca.fe.i.ro	*!		

Cada ranqueamento gera um dos membros do par. A inversão de dominância de restrições tem sido um dos recursos para explicar regras variáveis, que se manifestam como um par de palavras com o mesmo significado a exemplo de mentira/mintira, isto é, uma palavra pode substituir a outra, mas apenas uma delas é lexicalizada. Diferentemente, no caso em pauta, as palavras não se substituem e ambas são lexicalizadas. Embora também se expliquem por inversão de dominância, essa inversão tem comprometimento morfológico que leva a fonologia básica da epêntese a bifurcar-se em co-fonologias: Max-IO>>Onset >>Dep, gerando cajuzeiro e cafezeiro, e Max IO>> Dep >> Onset, gerando cajuada e cafeeiro – ambas com o mesmo radical, com o sentido determinado pela conjunção radical e afixo, constituindo ambos os ranqueamentos uma só gramática (Antilla, 2002, Inkelas e Zoll,2007).

Para o caso de exceção, a literatura dispõe de dois modelos: o da co-fonologia exposto na análise precedente e o do *locus* da exceção. Optamos por esse com intenção de separar alteração morfofonológica (Tableau 2) de alteração fonológica (Tableau 3).

Assim sendo, seguimos Pater (2009), cuja proposta explica a exceção por meio de restrições de fidelidade e marcação lexicalmente indexadas. Como se trata da alteração do traço sonoro, uma propriedade da consoante [+contínua, + coronal,+ sonora], que tem o estatuto de epêntese nesta análise, controlada pela restrição DEPIO, essa é o foco da exceção. Seguindo Pater, essa restrição é indexada como DepIO<sub>[+voz]L</sub> e alçada para posição mais alta do ranqueamento. O efeito manifesta-

se nas exceções marcadas no léxico (L) que são enumeráveis. Estabelece-se, então, uma relação de estringência entre  $\text{DepIO}_{\text{[+voz]L}}$  e  $\text{DepIO}$ , no sentido de que a violação da mais alta corresponde à violação da mais baixa, mas não vice-versa. Analisam-se dois pares, explicando-se os demais.

TABEAU 3:  $\text{DepIO}_{\text{[+voice]L}} \gg \text{MaxIO} \gg \text{Onset} \gg \text{DepIO}$

/agua-eiro/	$\text{DepIO}_{\text{[+voice]L}}$	Max IO	Onset	DepIO
1. a.gua. zeiro	*!			*
☞ b.agua.ceiro				*
c. a.gua. -eiro			*!	
d. a.gueiro		*!		
2. /la.ma - al/				
a. la.ma.zal	*!			*
☞ b. la.ma.çal				*
c. la.ma.al			*!	
d. la.mal		*!		

Exceções: aguaceiro, aguaçal, ervaçal, lamaçal, lodaçal.

Conhecido o papel das restrições básicas, observemos a restrição indexada  $\text{DepIO}_{\text{[+voice]L}}$  em relação de estringência que atribui duas marcas aos candidatos aguaceiro e lamazal, excluindo-os do campo das exceções. Os candidatos aguaceiro e lamaçal são os vencedores. Assim se formalizam as exceções, explicando-as como parte da gramática.

### 3. Peculiaridades do diminutivo

Um dos casos de dupla interpretação é a alternância -inho/-zinho. De um lado,

defende-se que zinho é uma palavra lexical, formando-se o diminutivo com zinho por composição (Leite (1974; Menuzzi 1993, entre outros). De outro lado, Bisol 2010<sup>1</sup> defende que o sufixo diminutivo em pauta é tão somente -inho e que /z/ em -zinho (-inho) emerge na derivação como epêntese para satisfazer exigências estruturais. Duas são as justificativas para a epêntese: a evitação do hiato, já referida e averiguada, e a fidelidade aos traços do *input*, que tem um papel no caso do diminutivo e outros sufixos, razão da presença no ranqueamento da restrição Ident ATR que exige a preservação do traço ATR da vogal média. É uma evidência de que a epêntese consonantal tem motivação estrutural.

TABLEAU 4: Diminutivo

/bon -inho	MaxIO	Ident ATR	Onset	DepIO
a. <sup>h</sup> bon.zi.nho				*
b. bon.i.nho			*!	
c. bo.ne.zinho		*!		*
d. bo.ni.nho	*!			

Dentro do caso regular de epêntese, o candidato em (a) é o vencedor; os demais são os perdedores, seja por formar um hiato (b) seja por alterar o traço ATR da vogal média (c) ou apagar a vogal terminante do radical (d).

#### 4. Epêntese de /r/

Um caso regular, mas específico, é a epêntese de /r/ que exige certo molde para ser entronizada. A base da derivação é uma palavra temática em que VT é neutralizada em favor da vogal baixa, resolvendo-se a neutralização por assimilação.<sup>2</sup>

1 Em tempos passados, BARBOSA, Jerônimo Soares (1787) e ALLEN, Jr., Joseph (1924) afirmavam que o sufixo é -inho em que a consoante /z/ é introduzida.

2 Para neutralização assimilatória, ver Trubetzkoy, (1967).

QUADRO 2: Epêntese de /r/

base	Sufixo –ada	Não hiato	Não hiato	Sem /r/	Suf-al	Exceção
bicho	bicharada	bixoada	bixaada	bixada		
bode	bodarada	bodeada				
cuspe	cusparada	cuspeada		cuspada		
espuma	espumarada		espumaada			
china	chinarada		chinaada			
filho	filharada	filhoada		(a)filhada		
fumo	fumarada	fumoada		fumada		
galho	galharada	galhoada		galhada		
gente	gentarada	genteada		gentalha		
laço	laçarada	laçoada		laçada		
língua	linguarada					
milho	milharada	milhoada				
tempo		tempoada		temporada	temporal	
milho					milharal	

A comparação entre a segunda coluna e a quinta, a exemplo de cusparada e cuspada ou bicharada e bixada, ambas bem formadas, uma com epêntese e outra com apagamento de VT, evidentemente a palavra com epêntese preserva VT, enquanto sua contraparte a apaga. Os exemplos da segunda coluna em pauta indicam que a epêntese de /r/ exige a preservação de VT neutralizada em favor de /a/, criando-se a sequência de duas vogais idênticas que se fundem em uma só. Por outro lado, derivativos com epêntese de /r/ trazem consigo uma ideia de amplitude ou extensão do sentido da palavra base: laçada, uma e outra laçada e laçarada um conjunto de laçadas; fumada, uma ou duas fumadas e fumarada, o fumo que se estende em grande porção. Por vezes, pode evocar também um sentido pejorativo como nos derivados da palavra gente no quadro acima. Portanto, as vogais temáticas nominais que são três, /a,e,o/, segundo Mattoso Câmara Jr. (1970), confluem para a vogal baixa /a/ no derivativo como um caso de neutralização que se resolve por assimilação com a vogal seguinte. As restrições básicas referidas fazem o seu papel e a restrição \*MID dá conta da neutralização. Dentro do conjunto em estudo, as palavras temporal e temporada que preservam intata a VT da base, são as únicas exceções.

TABLEAU: (5) Epêntese de /r/

/china-ada/	Max IO	* MID	Onset	DepIO
☞ a.fi.lha.ra.da				*
b.chi.na.a.da			*!	
c.chi.na.da	*!			
/milho-al/				
☞ a.mi.lha.ral				*
b.mi.lho.al		*!	*	*
c.milhada	*!			
/gente-ada /				
☞ a.gen.ta.ra.da				*
b.gen.te.ada		*!	*	*
c.gen.ta.da	*!			

Os candidatos em (a) são ótimos. A restrição \*MID exclui os candidatos em (b), controlando a neutralização. Os demais são excluídos pelas restrições conhecidas. O que caracteriza este grupo é a confluência das vogais temáticas da base para vogal baixa, fundindo-se com a vogal inicial do afixo para evitar hiato.

Três são os casos de epêntese com base em palavra temática, cuja condição é a preservação de VT: o diminutivo que preserva intata a vogal da base, a epêntese de /r/ que a neutraliza em favor da vogal baixa e o caso apresentado a seguir que a neutraliza em favor da média fechada. Nos três casos, VT é uma presença no *input* da derivação de palavras com epêntese da mesma forma que a vogal do radical em palavras atemáticas, o caso geral. Uma e outra estão dentro do mesmo paradigma derivacional.

## 5. Epêntese vocálica que se consonantiza

Consideramos à parte o caso do *glide* resultante de epêntese vocálica que se converte em consoante, via estreitamento da cavidade bucal e consequente fortalecimento perceptível na sua emissão.<sup>3</sup>

Trata-se de uma subclasse dos verbos terminados em -ear derivados de nomes que inserem uma vogal alta entre duas vogais, quando o acento incide sobre a

<sup>3</sup> Para estreitamento o ou fortalecimento de sons, ver Foley (1977)

vogal precedente, a exemplo de *passar/passagem* diferenciando-se desses pela conversão do *glide* em consoante. Vale notar que a vogal que precede o *glide* é a vogal /e/ da terminação *-ear* que, no processo derivativo, faz parte do *input*. Para essa vogal confluem as vogais temáticas dos nomes que constituem a base dessa derivação, fazendo-se presente no *input* da derivação que de que resulta o glide consonantizado.

- (1) braço, bracedar, braceio, bracejar  
 festa, (festear) (festeio) festejar  
 mar. marear, (mareio) marejar  
 pele, pelear, peleio, pelear  
 rastro, rastrear, rastreio, rastrear  
 solfeio, solfejar  
 vela, velear, (veleio) velejar

As palavras em (1) terminadas em *-ear* e as terminadas em *-ejar* são sinônimas, as primeiras de escasso uso no português contemporâneo, as segundas, as privilegiadas. As diferenças de sentido entre nome e verbo são nuances de classe. Por vezes, alguns derivativos tomam um sentido particular como em derivados de *mar*, *mareio* por exemplo, que pode tomar o sentido de “sentir náuseas ao viajar por mar”, não presente no verbo da quarta coluna. A terceira coluna é formada de palavras identificadas como nome em que o *glide* emerge. Parênteses indicam palavras não encontradas no dicionário consultado (Houaiss). Verbos de pouco uso podem tornar-se defectivos, sugerindo palavras hipotéticas. No entanto, derivados de *festa* terminados em *-ear* fazem parte do vocabulário em uso no sul do país, a exemplo de “Ele festeia a noite toda por isso não consegue acordar cedo.” Por sua vez, *solfeio* justifica *solfejar* e *velear* pressupõe a forma flexionada *veleia* ou *veleio*, com epêntese da vogal alta que se manifesta como *glide*, o qual, no contexto apropriado, consonantiza-se. Em outros termos, nesse grupo de família de palavras, o *glide*, como resultante de epêntese vocálica é previsto:

- (2) A relva começou a verdear  
 A relva verdeia lentamente  
 O verdeio da relva começou.

Precisamente, insere-se uma vogal, que se realiza como *glide* na circunstância acentual mencionada, isto é, entre duas vogais, das quais a primeira é a portadora do acento da palavra.

Para analisar este caso, optamos pela proposta de Kiparsky (2000) referida por LPM ou LPM-OT, Lexical Fonologia e Morfologia em OT. Trata-se de um modelo que preserva o ciclo e dispõe de restrições hierarquizadas na forma da Teoria da Correspondência (McCarthy; Prince, 1995), restrições de dependência (Dep), maximidade (Max), Identidade (Ident) e restrições de superfície (marcação), como Onset e outras. Todavia, na perspectiva de Kiparsky, os candidatos não são analisados em paralelo, dogma da Teoria da Otimidade, de McCarthy e Prince, mas são analisados por níveis, como raiz, palavra e frase, com o ciclo no nível adequado. Isso não significa que haja múltiplas bases, mas múltiplos inputs, pois a relação se faz entre *input* e *output*. A versão LPM pode parecer mais complexa, mas oferece suporte para soluções de mudança analógica e opacidade, como casos discutidos no texto inaugural de 2000, modelo que vem sendo uma opção de análise que soma conquistas de um modelo e de outro, sem macular a imagem de um e outro.

Ao lado das restrições básicas, figura agora \*GLIDE, uma restrição de marcação que controla a estrutura de superfície e ao mesmo tempo a sua relação com o *input*, assim como Ident-F:

GLIDE : The glide must be introduced between two vowels, the first being a stress vowel.

IDENT-F: Correspondent segments are identical in the class features F.

(3) Gramática: Glide >> MaxIO>>Onset >>DepIO>> IdentIO

TABLEAU: (6) Reforçamento do glide

1./ verde-ar/	Glide	MaxIO	Onset	DepIO	IdentIO
☞ a.ver.de.´ar			*		
b. ver.´dar		*!			
c.ver.de.´iar	*!			*	
2./ verde-o /					
☞ a..ver.´de. io				*	
b.ver.´de.o			*		

c.ver.´do		*!			
3. /verdeio-ar/					
a. ver.de.jar		*			*
b. ver. de. ar		*! *	*		
. ver.de. jar	*!				

Em (1), o candidato (b) é excluído porque a epêntese da vogal alta (*glide*) está fora do contexto, é bem-vinda em (2) e é convertida em consoante em (3), fase em que não há epêntese e a vogal final da palavra base é apagada. O ciclo não se estabelece entre a primeira derivação e a segunda, mas entre a segunda e a terceira. No entanto, a gramática é uma só nas três derivações conjuntas. Por não terem sido usados símbolos fonéticos, entenda-se vogal alta no *Tableau* como *glide*.

É comum um *input* criar palavras diferentes quando as bases são diferentes. Na primeira derivação, o candidato vencedor é *verdear* que, na fala, manifesta-se como *verdiar*, onde não há epêntese, pois é a vogal /e/ que muda para /i/ diante de outra vogal, o previsto que não está em discussão. É na segunda derivação que a epêntese vocálica emerge como *glide* no contexto adequado: duas vogais em sequência com acento na primeira. Na terceira derivação, que tem por *input* o resultado da precedente, o *glide* converte-se em consoante palatal diante do sufixo verbal, uma mudança de classe de segmento, assim expressa: [+con, -voc] → [+con, -voc] (CHOMSKY; HALLE, 1968). É interessante observar que a restrição Ident-F que aponta para o problema em discussão é redundante, pois o vencedor emerge sem a sua intervenção, ou seja, a gramática básica com a ativação de \*Glide chega ao esperado. Deixamo-la para ressaltar a mudança em pauta.

**Em suma**, em derivados de palavra atemática, cujo radical termina em vogal ou ditongo crescente, emerge uma consoante que não está presente na base da derivação. Palavras temáticas que admitem epêntese consonantal submetem-se à condição de preservarem VT, entrando no mesmo paradigma derivacional das atemáticas. As exceções são incluídas na gramática com a explicação formalizada. Palavras com hiato e palavra com epêntese oriundas da mesma base, cada qual com o sentido da base particularizado justificam-se e são um indicio, entre outros, de que a epêntese em estudo é um caso morfofonológico. A análise inclui

o caso de reforçamento do *glide*, que entra por epêntese de uma vogal alta, fonte da consonantização. A gramática delineada na linha da Teoria da Otimidade sustenta adequadamente todas as demandas dos casos em discussão.

## Consonant Epenthesis

### Abstract

This paper deals with the role of consonantal epenthesis in word formation. By analyzing words ended in productive suffixes via Optimality Theory, a basic grammar of consonantal epenthesis derivation was found. Implications related to the suffix specificity were considered. Evidence justifies the insertion of a consonant that is not present in the word base of the derivation, and neither in the suffix, which motivated this study. Exceptions that are part of the grammar, as well as the pair epenthesis word and hiatus word that comes from the same base. Finally, the vocalic epenthesis that becomes a consonant is discussed. In this study, /z/ e /r/ emerge as regular consonants, and /z/ is preponderant since it occurs with all suffixes under consideration, while /r/ has some limits.

Keywords: Consonantal epenthesis. Hiatus. Restriction. Faithfulness. Markedness.

### Referências

ANTILLA, A. Morphologically conditioned phonological alternations. **Natural Language and Linguistic Theory**. 2, p.1-42, 2002.

ALLEN Jr. J. **Portuguese word formation with suffixes**. Linguistic Batimore, Linguistic Society of America. Separata de Language, v2, p3-143, 1941.

BARBOSA, J. Soares. **Gramática Filosófica da Língua Portuguesa**. Lisboa: Typographia da Academia geral de Ciências de Lisboa 6 ed., 1987 (1985).

BLEVINS, J. Consonant Epenthesis: Natural and Unnatural Epenthesis Histories. In: GOOD, J.(ed.), **Language universals and Language Change**. p.79-107. 2007.

BISOL, Leda. (2010). O diminutivo e suas demandas. São Paulo: **DELTA**, 26, 1: 60-85.

BISOL, Leda. O diminutivo e suas demandas, uma versão revisitada. **Revista Virtual de Estudos de Linguagem**. 5 ed., p. 80- 95.

CAGLIARI.L.C.; MASSINI CAGLIARI, G. A epêntese Consonantal em Português e sua interpretação na Teoria da Otimidade. **Revista de Estudos Linguísticos**. p. 163- 199, 2000.

CAMARA Jr. J. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CANFIELD, S.S. **A Epêntese Consonantal em Português**: um estudo introdutório. Dissertação de Mestrado, PUCRS, Porto Alegre, 2010.

CASTRO PIRES, Caroline. **Epêntese consonantal em contexto de juntura morfêmica**: considerações sobre o sufixo –ada. 2016. 130 p. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. **The Sound Pattern of English**. New York: Harper & Row, 1968.

FOLEY,J. **Foundations of theoretical phonology**. Cambridge, Cambridge University Press,1977.

HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico Houaiss**. LP-3.0. Rio de Janeiro. Objetiva Ltda., 2009.

INKELAS,S. The theoretical status of morphologically conditioned phonology: a case study from dominance. In: Booij; Marle (eds). **Yearbookf Morphology**. Amsterdam. Springer, p. 121-155, 1998.

INKELAS, S; ZOLL, C. Is grammar dependency real? A comparison between co-phonological indexed phonologically conditioned phonology. **Linguistics** 45,1, p.123-171, 2007.

KIPARSKY P. Opacity and Cyclicity. In Nancy A. Ritter (ed). A review of Optimality Theory. Special issue. **The Linguistic Review** 17 (2-4), 351-67. 2000.

LEITE, Y. **Portuguese stress and related rules**. PhD dissertation. Austin: University of Texas, 1974.

LOMBARDI, L. Coronal Epenthesis and Markedness. University of Maryland. **Working Paper in Linguistic** p.1-58, 1997.

MATTOSO CAMARA JR, Joaquim. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis, Vozes. 1970.

---

McCARTHY. **A Thematic Guide to Optimality Theory**. Cambridge, Cambridge University, 2002

McCARTHY, J.; PRINCE, A. **Prosodic Morphology. Constraint Interaction and Satisfaction**. MS, University of Massachusetts, Amherst and Rutgers University, 1993.

McCARTHY, John. PRICE, Allan. Prosodic Morphology. In: SPENCER, A. & ZWICKY, A. (eds.). *The Handbook of Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press. 1998, p. 212-219.

McCARTHY, John. PRICE, Allan. Prosodic Morphology. Excerpts. In: Goldsmith, J. **Essential readings in phonology**. Oxford: Blackwell, p.102-136, 199, 1986.

MENUZZI S. **On the Prosody of the Diminutive Alternation -inho /-zinho in Portuguese**. Ms. HIL/University of Leiden, 1993.

PATER, Joe. Morpheme-specific phonology: Constraint indexation and inconsistency resolution. In: Steve Parker (ed.) **Phonological Argumentation: Essays on Evidence and Motivation**. London: Equinox, 2009.

STERIADE, Donca. **The Phonology of Perceptability Effects: the P-map and its consequences for constraint organization**. 2000.

TRUBETZKOY, N.S. **Principes de Phonologie**. Paris. Editions Klincksieck, 1967.

VAUX, Bert. Consonant epenthesis and hypercorrection. Harvard University. LSA, Washington, DC. January 5, 2001.

VAUX, Bert. Consonant epenthesis and hypercorrection. Harvard University. LSA, Washington, DC. January 5, 2001. VAUX, Bert. Consonantal Epenthesis and the problem of unnatural phonology. In: Citeseer, Yale University Linguistics Colloquium, 2002

Submetido: 14/04/2016

Aceite: 28/07/2016